

Comunicação (I)

O estado atual da economia do desenvolvimento *

T. N. SRINIVASAN **

Gostaria de compartilhar com os presentes, correndo o risco de não mais ser convidado a conferências como esta no futuro, de alguns pensamentos sobre certas tendências inquietantes da economia do desenvolvimento. É possível que meus comentários sejam mera consequência da minha experiência como economista indiano. Mas acredito realmente que outros possam ter passado por experiência semelhante. Se por vezes parecer rude, isso se deverá em parte — mas apenas em parte — ao desejo de pintar certos quadros com cores vivas. Mas é preciso enfatizar desde o início que os alvos de alguns de meus comentários críticos não me excluem.

Começarei com um comentário muito rude atribuído (talvez falsamente) a um dos mais conceituados teóricos da economia acadêmica. Em sua opinião — e ele falava principalmente a respeito de economistas ocidentais — aqueles que não podem destacar-se como economistas matemáticos, estatísticos, especialistas em economia monetária, comércio internacional, ou historiadores econômicos, comumente terminam como especialistas em economia do trabalho ou, o que é ainda pior, como especialista em economia do desenvolvimento. Receio que exista algo de verdade nisso. Basta ler alguns dos artigos publicados em revistas internacionais respeitáveis para descobrir que alguns dos seus autores são analistas de regressão múltipla e construtores frustrados de modelos.

Há uma deprimente semelhança no conteúdo desses artigos. Um artigo típico do gênero de regressão múltipla consiste de dados sobre

* Palestra proferida no Encontro Internacional de Diretores de Institutos de Pesquisa e Treinamento sobre o Desenvolvimento, patrocinado pela OECD e Banco Mundial, agosto de 1972, Belgrado, Iugoslávia.

** Professor visitante do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

m variáveis de n países em T períodos. Não importa se algumas variáveis são quantificáveis ou não, os números significativos ou não, confiáveis ou não, as ferramentas da análise estatística aplicáveis ou não, ou o autor prossegue alegremente e “testa” a sua teoria favorita com os dados. Não deve causar surpresa a ninguém se nesta era dos computadores eletrônicos e programadores imaginosos, alguns chegam mesmo a abandonar de todo a tarefa de desenvolver uma “teoria” e testá-la. O computador, conhecidos os dados e o programa, estabelece uma miríade de possíveis relações, lineares, não-lineares etc., e seleciona o melhor conjunto de ajustamentos. Tudo o que o autor tem a fazer é racionalizar e interpretar o conjunto final. Dada a imprecisão da maioria das teorias do desenvolvimento, isso não deve ser muito difícil. Naturalmente, estou exagerando, mas só um pouco. Para a maioria, um país a mais ou um ano a mais na amostra significam apenas mais um grau de liberdade na análise de regressão. Com isso não queremos negar que existem alguns que discutem a falta de adequação e confiabilidade dos dados usados freqüentemente no apêndice. Mas, na maioria das vezes, a discussão termina com uma das duas posições: (a) os dados são medíocres, mas são os melhores ou os únicos disponíveis e a análise deve prosseguir, ou (b) os dados são ruins, mas as conclusões da análise provavelmente não mudarão significativamente se outros dados forem usados. Conquanto aqueles que adotam o ponto de vista (a) nem considerem a alternativa de não prosseguir com a análise baseada em dados medíocres, não se pode deixar de admirar a autoconfiança dos que esposam o ponto de vista (b). Não é de surpreender que julguem desnecessário estudar qualquer conjunto alternativo de dados ou modelos.

Deixem-me abordar agora brevemente um caso típico do gênero de artigos sobre construção de modelos. Nenhum membro que se respeite dessa escola construirá um modelo inferior à capacidade de processamento de seu computador. Se não existirem dados desagregados suficientes, adicionem-se mais períodos. Se não existirem localmente dados sobre alguns coeficientes cruciais, tome-os emprestados de outro país no qual o consultor tenha trabalhado anteriormente. Afinal de contas, por que não? A estante de tecnologia pertence ao mundo inteiro. O mais importante é não deixar subutilizada a memória do computador. A maioria dos membros da escola de

construtores de modelos tampouco presta geralmente a atenção necessária ao significado e à confiabilidade dos dados usados. Os que o fazem podem ser também classificados em dois grupos: (i) dados ruins não afetam as conclusões do grupo e, (ii) o grupo da análise de "sensitividade". Já comentei o grupo (i). O grupo (ii) é mais honesto. Admite alegremente que não tenha nenhuma idéia por exemplo se a propensão marginal a poupar (PMP) é 0, 0,1 ou 0,4. Mas, esperem, o computador pode dar a solução do modelo para cada um desses valores e se os resultados forem sensíveis aos valores da PMP, devam-se mais recursos para identificar o seu valor exato.

Não se pode alterar com essa opinião, exceto para dizer que a mente vacila com o número de alternativas que se tem que examinar em qualquer situação da vida real. Se houver apenas cinco parâmetros, cada um com cinco valores possíveis, em princípio ter-se-á que examinar $5^5 = 3.125$ soluções do modelo.

De passagem, posso mencionar também a escola de modelos a dois setores em uma economia dualista.

Muitas reputações e carreiras descansam na eliminação de mais uma pregação desse modelo simplista.

Existem alguns aspectos tristes nessa construção de modelos e/ou ênfase econométrica na economia em geral e na economia do desenvolvimento, em particular, relacionados com (a) o treinamento de economistas nos países menos desenvolvidos ou deles originários, (b) a alocação de recursos de pesquisa, inclusive de recursos gastos com economistas visitantes. Tratem-se, em primeiro lugar, do treinamento de economistas profissionais. Se um economista em formação de um país menos desenvolvido deseja filiar-se ao grupo que vai a conferências, arranja cargos de professor visitante no exterior, serve como consultor, trabalha para organizações internacionais com um salário muito superior ao que pode ganhar em seu país, estuda no exterior em uma escola de prestígio e/ou publica artigos em revistas internacionais. Se receber o treinamento inicial em um departamento econômico de prestígio em seu próprio país (o que significa, incidentalmente, uma escola que é a base no país, durante o tempo em que ele não está viajando pelo exterior, como economista renomado do circuito internacional de conferências), é provável que se matricule em cursos ministrados por aqueles economistas, sobre

o crescimento ótimo ou sobre a última teoria assintótica de estimadores de equações simultâneas. Talvez não possa dizer se a população de seu país está crescendo a 2% ou 20% ao ano, mas certamente pode falar sobre as condições de transversalidade que surgem em um modelo de crescimento ótimo com um horizonte infinito, ou sobre o núcleo de uma economia que dispõe de um contínuo de comerciantes. Pode-se simpatizar com esse aluno, afinal de contas, um grau A em cursos sobre modelos de crescimento ou coisas semelhantes, ministrado por professores eminentes, provavelmente lhe facilitará mais o ingresso em uma universidade estrangeira do que um curso, ainda que útil, sobre outros aspectos, como, digamos, a economia rural de seu país. Se seguir a orientação de publicar artigos em revistas, ver-se-á mais ou menos na mesma situação. A fim de maximizar a possibilidade de publicá-los em uma revista de prestígio, é muito provável que se concentre em problemas nos quais possa aplicar a ferramenta mais recente e mais em moda, e não necessariamente a problemas importantes para a política econômica de seu país. Em vista disso talvez tente publicar mais outro artigo aplicando o Princípio Máximo de Pontryagin, ou análise espectral, ou análise factorial, ou estimando a Curva de Philips para o país X, ou uma função de produção CES para a indústria editorial, usando técnicas de estimação não-linear.

Suponhamos que esse aluno regresse ao país após estabelecer uma reputação. Pode acomodar-se em uma boa posição acadêmica ou num bom cargo público e viajar freqüentemente ao exterior para participar de conferências. Alternativamente, pode sentir-se frustrado em uma posição acadêmica (especialmente se for um dos poucos que tiveram treinamento semelhante) porque nenhum de seus colegas pode falar o mesmo jargão, e sonha com a “atmosfera” de intercâmbio acadêmico e de especulação científica no instituto onde fez sua pesquisa para o doutorado. Não nego que existam alguns que não aspiram continuar nas boas graças dos seus pares no exterior, publicando artigos do tipo mencionado anteriormente, e que se devotam seriamente a problemas importantes sem qualquer emoção acadêmica. Talvez sejam mais numerosos do que pensam. Porém, provavelmente ainda são em número bem inferior ao necessário.

Deixem-me tratar agora da alocação de recursos para pesquisa, nacionais e internacionais. Quanto à coleta de dados: em concomitância ao fluxo de assistência das agências financeiras internacionais e de alguns grandes países doadores de recursos, tem-se tornado necessário compilar e apresentar dados em camisas-de-força prescritas por essas agências. Às vezes, isso tem como resultado fornecer uma cifra para um conceito de significado local limitado, como, por exemplo, a taxa de desemprego global em uma economia predominantemente rural, ou mesmo o PNB, quando este, em conformidade com as convenções internacionais, exclui as contribuições das donas de casa, mas inclui um item que é semelhante e significativo, ou seja, o autoconsumo em uma economia de camponeses. Frequentemente, a coleta de dados se limita a áreas que têm pouca relevância para a economia doméstica, mas que são de fácil registro. Informações sobre setores vitais não são coletadas. Mais facilmente se obtêm recursos, principalmente de fontes estrangeiras, por exemplo, para construir uma grande matriz de insumo-produto para uma economia rural do que para coleta de dados sobre setores não organizados. Talvez paradoxalmente, e talvez não, mesmo esses grandes exercícios de insumo-produto tratam toda a agricultura como um único setor, ou pior ainda, como completamente exógena. Entretanto, esse setor pode ser o principal setor da atividade econômica.

Outro exemplo da coleta internacional de dados a um custo elevado é o cálculo das chamadas taxas de proteção efetiva de diferentes processos produtivos para vintenas de países. Antes mesmo do significado e a relevância desse conceito em modelos teóricos simples ter sido elaborada, a mensuração em larga escala já havia sido completada, um grande número de conferências havia sido realizado e inúmeros volumes publicados sobre o assunto.

Os comentários feitos acima com relação aos tópicos escolhidos pelos estudantes nos países menos desenvolvidos aplicam-se também à alocação de fundos de pesquisa pelos respectivos institutos locais. Não poucas vezes recursos escassos são gastos em pesquisa "imitativa".

Finalmente, umas poucas palavras sobre economistas estrangeiros visitantes e economistas das agências de crédito e nações doadoras: espero que minhas observações não sejam mal interpretadas. Afinal de contas, alguns de meus melhores amigos são economistas estran-

geiros visitantes. Frequentemente, o visitante está em um país por um período curto. A visita aos institutos de pesquisa num país pode ter primariamente o objetivo de coletar dados para seu modelo. Muitas vezes, ele nem mesmo traz um esboço de sua pesquisa. Os institutos podem ser tratados meramente como fornecedores de dados, sem qualquer interferência no uso a ser feito dos mesmos. Há exemplos de economistas estrangeiros que tiveram acesso fácil aos dados e aconselharam os formuladores de políticas com base em seus modelos, mesmo antes de esses modelos terem sido discutidos com os economistas dos institutos que lhes forneceram as informações. Para ser justo, devo acrescentar que numerosos economistas estrangeiros lançaram luz preciosa sobre essas economias, luz essa que se não fosse por eles não teria surgido. Assim há também situações em que o valor da contribuição do economista estrangeiro cobre seu custo marginal.

Em conclusão, parece que a economia do desenvolvimento requer uma espécie de “revolução cultural”. Mas tal revolução, se ocorrer, não substituirá, espero eu, a análise substantiva por sentimentos, como se alega que ocorreu quando a economia radical apareceu no cenário ocidental.